

A esquerda que elege Trump

Contaminação do discurso democrata pelas políticas identitárias faz ex-presidente prosperar

Demétrio Magnoli

Sociólogo, autor de "Uma Gota de Sangue: História do Pensamento Racial". É doutor em geografia humana pela USP.

Trump bebe no copo do nazismo: há pouco, parafraseando o "Mein Kampf", alertou para o "envenenamento do sangue americano" pelo influxo de migrantes hispânicos. Trump responde, como réu, à acusação de golpe de Estado: ele instruiu republicanos a fraudarem resultados das eleições de 2020 e, no 6 de janeiro de 2021, incitou a invasão do Capitólio para impedir a certificação da vitória de Biden. Como se explica, então, que as pesquisas o colocam como favorito nas eleições presidenciais de novembro próximo?

A resposta convencional

apoada em sondagens, é que uma larga maioria de eleitores enxerga Biden como idoso demais para cumprir novo mandato. Daí decorrem as pressões — e articulações ainda subterâneas — pela substituição do candidato presidencial democrata. Contudo, há algo mais profundo que escapa às análises protocolares: o Partido Democrata enfrenta rejeição popular superior à do Partido Republicano.

A economia dos EUA vai bem — muito melhor que a da China, por sinal. O surto inflacionário amainou e virtualmente inexistiu desemprego. A ferida

é outra: segundo pesquisa do Harvard Caps/Harris, 62% avaliam que os democratas moveram-se para a esquerda em demasia, enquanto 57% pensam que os republicanos moveram-se excessivamente para a direita. Dito de outro modo: nos EUA de hoje, um partido preso à liderança extremista de Trump aparece como opção eleitoral menos radical!

O resultado da surpreendente pesquisa representa uma reversão das percepções vigentes em 2020. Você tem, claro, o direito de procurar conforto nas "teorias" de uma "sociologia" infantil difundida em redes sociais

os americanos seriam congenitamente do direito, preconceituosos ou fascistas. Mas tente evitar o escapismo ideológico: os mesmos americanos elegeram duas vezes Barack Obama e, segundo a pesquisa mencionada, 63% deles gostariam de ter "outra escolha" no lugar do binômio Biden/Trump.

O ponto, refletido em diversas sondagens, é a contaminação do discurso democrata pelas políticas identitárias. Aos olhos do eleitorado, o partido que aprendeu a falar para a maioria com as políticas sociais do New Deal e com a cisão antirracista da Teia dos

O paradigma clássico da ciência política diz que o caminho para o triunfo eleitoral exige a conquista do centro do espectro ideológico. Como regra, os candidatos que obtêm sucesso nas disputas majoritárias são aqueles capazes de ocupar o centro da arena, onde se concentra a maior parcela do eleitorado. É por isso que o sistema democrático isola os extremos, inclinados a ser moderados. A ruptura da regra — ou seja, a vitória de líderes extremistas — sinaliza uma crise da democracia. Nos EUA, a

O Brasil não é os EUA. O PT evita habilmente os excessos identitários, terceirizando-os ao PSOL. Mas a força persistente do bolsonarismo tem a mesma raiz do vigor do trumpismo.

DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros | **SEG.** Deborah Bizarria, Camila Rocha | **TER.** Joel Pinheiro da Fonseca | **QUA.** Elio Gaspari | **QUI.** Conrado H. Mendes | **SEX.** Marcos Augusto Gonçalves | **SÁB.** Demétrio Magnol

Justiça suspende nomeação de filho de governador de SC para secretaria

Matheus Tupina e
Priscila Camazano

SÃO PAULO A Justiça de Santa Catarina determinou na quinta-feira (4) a suspensão da nomeação de Filipe Mello, filho do governador do estado, Jorginho Mello (PL), para a secretaria estadual da Casa Civil.

A decisão do desembargador substituto João Marcos

Buch em pedido do diretório estadual do PSOL cita decreto catarinense de 2008 vedando nomeação de cônjuge, companheiro ou parente para cargo de comissão ou de confiança.

Também cita a súmula vinculante do STF (Supremo Tribunal Federal) que exclui das hipóteses de nepotismo a indicação a cargos de natureza política. Acrescenta, disso, o maior

trado ressalta a necessidade de se preencher o posto para "atender ao interesse público".

Para Buch, "houve em tese violação aos princípios da moralidade e da impessoalidade, resultando em nepotismo".

"Com efeito, não pode o chefe de Poder tratar a máquina pública como coisa privada e transformá-la em entidade familiar, compondo a equine de

"A decisão foi concedida em regime de plantão sem que o estado pudesse se manifestar previamente, em respeito ao princípio constitucional do contraditório, e sem que houvesse urgência para tanto, uma vez que não havia risco de perecimento do alegado direito, caso houvesse a manifestação prévia do ente público".

Aliado do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), Jorginho anunciou a nomeação de seu filho para a Casa Civil na quarta (3), no cargo de Estener Soratto (PL), que retornou ao posto de deputado estadual e pretende concorrer à Prefeitura de Tubarão em outubro. Embora pudesse ocorrer até abril, conforme a lei eleitoral

Ainda na quarta-feira, a assessoria do governador publicou outra nota reiterando a ausência de impeditivos para a indicação de Filipe ao cargo e que ele teve seu nome chancelado por lideranças de todos os Poderes estaduais.

[illegible]